

A RESPONSABILIDADE DOS EUA PERANTE AS DENÚNCIAS DE VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS NO AFGANISTÃO(BACHA BAZI)

DUDA, Camila¹
TRAUMMAN, Andrew²

RESUMO: Em anos recentes uma enxurrada de notícias trouxe a tona uma prática afegã chamada Bacha Bazi, esta consiste na exploração sexual de meninos, bem como diversas violações contra os Direitos Humanos. O foco deste artigo é analisar a responsabilidade dos Estados Unidos perante tais abusos, uma vez que o país proporciona o treinamento de tropas locais (conhecidos praticantes de Bacha Bazi), e um grande financiamento para a região, tal ação, entretanto vai contra leis internas e legítima em parte a continuação da prática.

Palavras-chave: Afeganistão. Bacha Bazi. Estados Unidos. Crianças.

Abstract: *In recent years a flood of news has brought to light an Afghan practice called Bacha Bazi, which consists of the sexual exploitation of children, as well as various violations against human rights. The focus of this article is to analyze the responsibility of the United States for such abuses, since the country provides training of local troops (known practitioners of Bacha Bazi), and substantial funding for the region, such action, however, goes against internal laws and legitimizes in part the continuation of practice.*

Keywords: *Afghanistan. Bacha Bazi. United States. Children.*

Artigo recebido em: 17/12/2018

Artigo aprovado em: 06/02/2019

¹ Acadêmico do curso de Relações Internacionais – Centro Universitário Curitiba - UNICURITIBA. Curitiba – PR. email: ca_duda_t@hotmail.com.

² Professor Orientador – Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA. Curitiba – PR. email: meuemail@servidor.com

Introdução

Poucos são os temas tão complexos e desafiadores como o *Bacha Bazi* e todo seu arranjo no cenário internacional. Gostaria de apresentar uma definição inicial ao termo, visto que os leitores rapidamente se familiarizarão com o mesmo ao longo do texto. *Bacha Bazi* dá nome a uma prática afegã que envolve meninos menores de idade (por vezes em situação de rua) em exploração sexual, escravidão, violência e um desenrolar abarrotado de controvérsias, em especial nos últimos anos. Essa prática envolve, na maior parte das vezes, homens de uma camada economicamente privilegiada da sociedade, que se reúnem para assistir esses meninos dançarem e cantarem, enquanto travestidos de mulheres, muitas vezes, infringindo a maior variedade de abusos sobre os mesmos.

Inicialmente, a pesquisa giraria em torno do surgimento e desenvolvimento dessa prática no Afeganistão em particular, entretanto, a surpreendente e arrebatadora falta de bibliografia direcionada ao assunto forçou uma adaptação desse tema, o qual agora engloba a participação de um Estado proeminente do sistema internacional, os Estados Unidos. O envolvimento dos EUA e de outras potências com essa região é antiga; como será discutido ao longo deste trabalho, mas para a formação de uma análise mais atual e direcionada manteremos o foco de observação entre início do segundo milênio, com a invasão dos EUA ao Afeganistão em Outubro de 2001, e os recentes desdobramentos pertinentes ao tema ocorridos nos primeiros meses de 2018.

Este trabalho busca entender o papel, ou melhor, a responsabilidade de uma nação tão particular como os EUA, nas inúmeras denúncias de abuso aos Direitos Humanos no Afeganistão, em especial aqueles referentes a situações do *Bacha Bazi*. Apesar de inicialmente não parecerem conectados, a política externa americana e a prática tribal afegã compartilham uma dinâmica intensa e perigosa,

que possuiu consequências reais e assustadoras, principalmente sobre a população civil afegã.

Com a mudança de governo nos EUA e os novos e velhos conflitos na região do Oriente Médio, uma abordagem que prioriza a interação dos países no âmbito regional e global, bem como seus interesses adjacentes é imprescindível. A falta de bibliografia sobre o tema é preocupante, o descaso da academia com um assunto extremamente sensível e particular é desencorajador, não obstante as importâncias desse tema sobrepõem as dificuldades atreladas a sua realização.

Como base teórica, apesar dos desafios, utilizarei livros que discorrem sobre a política externa americana, a importância geopolítica da região no cenário internacional, e o elemento humano na situação de conflito, bem como artigos que delimitam particularidades da situação, outra fonte importante para formulação do trabalho foi a pesquisa online, por meio de documentários e notícias, que por vezes proporcionaram um enfoque único neste raro tema, o que permitiu uma análise de múltiplos ângulos dessa dinâmica.

As violências sofridas por crianças em um país devastado pela guerra, que se encontra em uma área com esperada instabilidade política, são grotescas e revoltantes, as dinâmicas de poder, e as construções sociais que ocorrem na área exigem um estudo muito mais profundo do que este artigo é capaz de oferecer, entretanto, busco iniciar uma análise coerente e mais do que necessária sobre essa ocorrência do sistema internacional.

1. A Questão Geográfica

O território onde hoje se encontra o Estado do Afeganistão faz parte de uma área chamada Oriente Médio, a qual representa a junção da Ásia com a Europa. Essa porção de terra possui uma importância fundamental no sistema internacional, se encontra em meio a duas placas continentais, ou seja, é um caminho de ligação entre duas áreas do globo, também possui diversas riquezas naturais, entre elas um dos itens mais cobiçados nos séculos XX e XXI, o petróleo.

Este item é essencial para o funcionamento da sociedade, em especial nas nações industrializadas, logo, não é surpresa alguma que essa área do planeta esteja sujeita aos interesses do sistema capitalista, e que, portanto apresente substancial instabilidade, como comprovado pelos recorrentes conflitos, que em sua maioria tem o domínio do petróleo ou gás natural como pano de fundo.

Ademais, esta região é o berço do surgimento de três grandes religiões, o cristianismo, o judaísmo e o islamismo; entre diversas outras que floresceram nesta área proeminente, que também abrigou a primeira civilização moderna, entre os rios Tigre e Eufrates; sendo de tamanha importância para um número tão grande de pessoas, as disputas são constantes. Com o aumento da instabilidade interna, aumenta também a facilidade com que as nações que buscam o controle dessa região, sejam bem sucedidas em obtê-lo.

A importância geográfica dessa região é imensa; ao ligar dois continentes provém um meio de passagem para mercadorias e serviços, atuando como uma base de distribuição, mas talvez uma das variáveis mais importantes dessa equação seja de fato da possibilidade do uso desse território para passagem de tubos subterrâneos de gás natural, por parte da Rússia, produto este que abastece toda a Europa, e é essencial para sua sobrevivência, principalmente no

inverno, como fica exemplificado o controle dessa região representa uma grande concentração de poder, no ano de 2016 mais da metade das exportações russas teve a Europa como destino, assegurando a importância da passagem de mercadoria pelo Oriente Médio³(ver Ref.).

O controle deste meio de facilitação de transporte proporcionaria uma imensa vantagem para a Rússia, enquanto potencia, e de fato a não afirmação de seus interesses poderia abrir espaço para um país como os EUA, que também apresenta grande interesse na região.

Nos EUA essa tendência de investir na região e buscar o aumento de sua influência sobre a mesma foi o carro chefe da política externa de vários governos, entre eles o governo Carter(1977-1981), que aliou a sua política externa as ideias de Sir John Halford Mackinder, um dos primeiros a enxergar essa proeminência; este autor descreveu as particularidades que fazem do Oriente Médio uma peça fundamental no xadrez da política internacional, entre elas a concepção de que essa área seria o “Heartland” de toda Eurásia, e que toda sua geografia, e capacidade produtiva, bem como mercado consumidor seria essencial para o funcionamento do planeta, e quem tivesse o controle sobre essa região, teria também sobre uma congregação de países que dependem das funções desse local.

Mesmo o Afeganistão se caracterizando como um país periférico deste chamado “heartland”, sua posição estratégica o faz um dos países mais importantes do Oriente Médio. Atualmente faz fronteira com o Paquistão, país com o qual divide sua mais extensa fronteira, e também enfrenta questões territoriais; este país se encontra em constante atrito com outros países da região, como a Índia; país que possui armas nucleares.



Mackinder's "Fig. 5," entitled "The Natural Seats of Power," showing what he termed the "pivot area," the "inner or marginal crescent" and the "lands of outer or insular crescent." (Reprinted by permission of The Royal Geographical Society, London.)

Fig. 1 - Geographical Journal, London, April 1904, p. 421-44.

Entre Afeganistão e Paquistão podemos observar os problemas ocasionados pela criação dessas fronteiras, a fim de criar um "Estado tampão" (um país pacífico entre dois países maiores, que reduz as chances de guerra entre eles), entre o Império Britânico e o Russo, linhas artificiais dividiram as terras e etnias, nações utilizaram-se do território alheio para seu conflito, deixando-o devastado e confuso. Ao longo de toda fronteira, que ainda é habitada por grupos tribais e seus descendentes, existem disputas territoriais, uma vez que os residentes não reconhecem os limites estabelecidos por estas outras nações.

Ao oeste o Afeganistão faz fronteira com o Irã, uma nação teocrática, de regime fechado, e inimiga declarada dos americanos, ao norte com o Turcomenistão, Uzbequistão e Quirguistão, também ao leste possui 76

quilômetros de fronteira com a China, país que nas últimas décadas ampliou imensamente a sua influencia sobre a região.

2. Contexto Histórico

Com toda a importância geográfica deste país, os constantes desafios a sua estabilidade política, bem como as suas significativas reservas de recursos naturais, em especial o petróleo e gás natural, as dimensões das disputas de influencia sobre o local seriam imensas.

O auge dessa batalha de influencia veio em 2001, com a invasão do Afeganistão pelos EUA, este conflito possui uma ambientação única, e para entendê-la é necessário analisar o contexto histórico que propiciou seu acontecimento. O principal antecedente deste acontecimento se deu durante a guerra fria; onde a União soviética invadiu o Afeganistão, para apoiar o governo comunista, e assegurar seu controle sobre a região; num conflito armado de nove anos entre estas tropas soviéticas que apoiavam o governo afegão contra insurgentes *mujahidin* afegãos, que procuravam derrubar o regime no país.

Estes insurgentes contavam com o apoio dos EUA e Paquistão, bem como de outros países muçulmanos, o que fez o conflito longo e de alto custo, possivelmente auxiliando no colapso do bloco, foram proporcionados treinamentos e armamentos que trouxeram uma nova dinâmica de poder no país, bem como uma aproximação rápida e pragmática da potencia americana.

Entre estes insurgentes estavam estudantes, proprietários de terra e os chamados “fundamentalistas islâmicos”, entre eles Osama Bin Laden. Pela própria organização social tribal afegã, e as diferentes etnias constantemente em choque, surgiram diversas divergências de opinião entre o movimento, o que abriu espaço para criação de grupos radicais e particulares nos anos seguintes, como o Talibã, que viria a se tornar ao lado da Al-Qaeda, um dos novos inimigos dessa

nação que com o fim da Guerra fria precisava de outro conflito para manter funcionando sua massiva indústria bélica.

Sendo assim, o Pentágono desde o governo Reagan (1981-1989) buscava formular novas ameaças para justificar as imensas discrepâncias orçamentárias, da verba que estava sendo alocada para o financiamento do complexo militar-industrial e suas bases e tropas em outros lugares do globo, o “perigo vermelho” representado pela ameaça comunista da União Soviética foi substituído pelo “perigo verde”, denominação atribuída a grupos insurgentes fundamentalistas islâmicos.

Com a vitória de George W. Bush, a presidência dos Estados Unidos em 2001, a porção conhecida como “*hard right*” do partido conservador finalmente conseguiu um espaço para orientar a política internacional do país de acordo com a PNAC (Project for the New American Century), política esta que consistia em aumentar exponencialmente os gastos com defesa, a fim de desafiar “os regimes hostis aos interesses e valores americanos”, bem como assegurar uma “liberdade política” em todo mundo.

Esse discurso humanitário serviu de justificativa para efetivação dos reais interesses americanos, no início de seu governo Bush tinha como prioridade um aumento no fluxo de petróleo vindo do exterior, visto que as reservas americanas de gás natural e petróleo se encontravam escassas, fato que é evidenciado pelo número das importações do produto, que em 2001 ultrapassavam os 50% do consumo interno.

As dificuldades de negociação com o Afeganistão estavam agravadas pela insurgência e o domínio do Talibã, problema que para os EUA requeria uma solução imediata, entretanto uma invasão de um país soberano sem uma justificativa plausível não era possível, o Estado americano então, desde o fim do

governo Reagan teve como alvo, invés das organizações internacionais responsáveis pelos atentados e insurgências, os Estados desse “terceiro mundo”, denominados “rogue states”.

Os atentados de 11 de setembro de 2001 contra as torres-gêmeas do World Trade Center em Nova York propiciaram ao governo e suas elites, segundo a doutrina de guerra contra o terrorismo, um aumento da militarização da política externa, bem como uma investida para assegurar fontes de energia e rotas de abastecimento.

Todo esse poder oferecido pelos EUA aos combatentes aliados, a fim de assegurar seus objetivos causou mudanças profundas na sociedade afegã, de forma mais notável a ascensão dos Senhores de Guerra, ou “Warlords”, essa denominação se refere a um legado da invasão dos EUA no Afeganistão; a grande maioria dos senhores da guerra atuais ganhou destaque no final de 2001, enquanto lutava contra o regime talibã, apesar de também estarem envolvidos na invasão em 1979, em oposição a URSS.

Com o imenso apoio fornecido pelos EUA, aliado ao colapso do regime talibã, esses senhores da guerra conseguiram controlar e manipular as forças de segurança e os diversos aparatos do governo, o qual forneceu-lhes posições influentes e subcontratos de empresas americanas.

Muitos *Warlords* receberam fundos dos Estados Unidos, bem como de outros países ocidentais para trabalharem lado a lado com as tropas e o governo dos EUA e a OTAN para lutar contra o Talibã e a al-Qaeda, inflando ainda mais sua proeminência na política afegã. Assim, com o capital dos tributos americanos e a descentralização do governo afegão, os senhores da guerra prosperaram, e hoje representam uma elite violenta e decisiva no Afeganistão.

3. *Bachabazi*

Essa mesma elite é conhecida por participar em de encontros aonde o *Bachabazi* é realizado; a origem desta prática é desconhecida, porém relatórios internacionais confirmam que ela é extremamente comum ao longo da fronteira com o Paquistão.

É difícil formular uma definição sensível o suficiente para englobar todos os desdobramentos dessa prática (parcialmente pela falta de informação sobre o tema); entretanto um relatório formulado pela AIHRC apresenta uma ampla definição do tema.

Em algumas partes do nosso país, um número de indivíduos afegãos mantêm com eles, um ou mais garotos com idade entre 10 e 18 anos para fins de *Bacha Bazi*, geralmente uma atividade associada à exploração sexual e outras formas de assédio sexual. Estas crianças são geralmente provenientes de famílias pobres que são mantidas por alguns ricos indivíduos como guarda-costas, aprendiz, servo em casa, loja, padaria, oficina, hotéis, restaurantes e outros empregos remunerados ou através de coerção, ameaça, fraude, intimidação e sedução. Eles geralmente são vítimas de violência sexual. Em algumas partes do país, essas crianças enquanto vestem roupas femininas são usadas como dançarinas em festas e cerimônias de casamento. No final das cerimônias, eles geralmente são levados para casas particulares ou hotéis e estupradas; às vezes eles são até estuprados por múltiplas pessoas. Como escravas sexuais, essas crianças sofrem continuamente de exploração ou outras formas de assédio sexual.

Esta simples definição bastaria para ilustrar as atrocidades que vem acontecendo daquele lado do planeta, mas para aprofundar o debate, e realmente expor as particularidades do *Bacha Bazi* é necessário analisar alguns dados. A seguinte pesquisa foi desenvolvida no ano de 2014 pelo AIHRC, e proporciona um olhar aguçado sobre as reais dimensões desta prática em todo país.

A pesquisa apontou que no total, 56% dos perpetradores de *Bacha Bazi* estavam entre 41 e 50 anos de idade (sendo uma parte descendente de senhores de guerra), a alfabetização é uma variável interessante da constituição do *Bacha*

Bazi, 58% dos perpetradores são iletrados. Entretanto o nível de alfabetização ou analfabetismo não é um fator importante na prevalência do Bacha Bazi, isto porque a prática é bastante comum entre os alfabetizados, e até mesmo aqueles com ensino superior, mostrando que as elites alcançaram tamanho privilégio no país, que estas violações dos Direitos Humanos são aceitas e frequentemente patrocinadas por camadas mais proeminentes da sociedade.

Bacha Bazi também aparenta não ter uma ligação direta com o estado civil dos indivíduos; uma vez que 78% dos perpetradores são casados e apenas 22% não são casados, 18% dos casados têm mais de uma esposa. 46% dos casados estão completamente satisfeitos com o casamento deles, 43% estão, no entanto, parcialmente satisfeitos com o casamento, um possível reflexo dessa pesquisa é a separação existente entre homens e mulheres nas sociedades muçulmanas, bem como o papel que elas representam na mesma; e no caso do Afeganistão esta divisão é visível. Em termos de status social, 64% dos perpetradores constituem pessoas normais na sociedade, os ricos, os comandantes e idosos também constituem os perpetradores 8% cada, entretanto a “posse” desses meninos, normalmente, se encontra em famílias com certo status social.

No que diz respeito às vítimas estes dados são ainda mais chocantes, segundo a pesquisa a maioria das vítimas são crianças com menos de 18 anos, 42% das vítimas têm entre 13 e 15 anos de idade, e 45% têm entre 16 e 18 anos de idade, os outros 13% são vítimas de 18 a 25 anos; sendo que a maioria dessas crianças é cooptada entre seus 10 e 15 anos, onde posteriormente recebem treinamento e se tornam propriedade de seus donos.

Alfabetização e a conscientização têm um efeito muito forte no combate a esta prática, o alfabetizado é menos vulnerável, a maioria das vítimas são analfabetos constituindo 48% das crianças que são vítimas de Bacha Bazi e não podem frequentar a escola, um direito humano básico.

Num panorama geral, 75% dos entrevistados declararam que mantêm um menino, 14% disseram que têm dois meninos em sua posse, e 78% dos praticantes disseram que tem mais interesse em meninos com idade entre 13 e 16 anos, claramente caracterizando esta “tradição” como pedófila.

Ainda segundo o estudo, a justificativa mais significativa para Bacha Bazi foi apontada como a recreação, luxúria e interesses pessoais, aos quais 70% dos pressentes concordaram; esta luxúria inclui, satisfazer desejos sexuais, sentir prazer pelos garotos dançando em festas ou até mesmo tocando seus corpos, alguns outros envolvidos disseram ainda que perseguiram o ato apenas porque é bastante prevalente em suas áreas ou considerado natural; também citaram fazer isso simplesmente para competir seus rivais. Este aspecto de competição e status designa ao *Bachabazi* um papel chave na sociedade afegã.

Outra observação importante dessa dinâmica é o conflito em si, durante o domínio, o Talibã tinha uma profunda aversão em relação à bacha bazi, proibindo a prática quando instituiu a rígida lei sharia em todo o país, considerando-a passível de morte* (apesar do grupo em anos seguintes utilizar estes meninos como arma de guerra, através da coleta de informações e atentados), por confrontar diretamente com os princípios de sua religião, a qual desaprova veemente (em sua linha mais fundamentalista) de qualquer envolvimento sexual com uma pessoa do mesmo sexo.

Essa proibição obviamente não fez com que esses encontros desaparecessem, mas diminuiu sua incidência de forma drástica; as políticas implementadas pelo movimento rapidamente angariaram massivo apoio popular, uma vez que buscavam uma mudança nesta dinâmica de poder, ainda de acordo com alguns relatos, incluindo o artigo do Times of London "Kandahar Comes out of the Closet", de 2002, uma das provocações originais para a ascensão do Talibã ao poder no início dos anos 90 foi a indignação com a pedofilia. e a própria

constituição do Estado, que se encontrava sobre o controle de outra nação, e teve como consequência um país sem o poder, nem o interesse de formular soluções benéficas para a população como um todo.

4. A Responsabilidade Americana

Qual seria então, a real responsabilidade do governo americano na manutenção desta prática nas últimas décadas? Para realizar esta análise observaremos a política externa americana, suas motivações, e como o cenário interno americano reflete nessa dinâmica.

Desde seu renascimento com a queda do Talibã (pós-2001), o bacha bazi evoluiu e sua prática varia em todo o país, a falta de lei que permeou à deposição deste regime na zona rural do Paquistão e no norte do Afeganistão deu origem a demonstrações extremamente violentas de pedofilia. Estes meninos foram estuprados, sequestrados e traficados enquanto predadores sexuais recuperavam suas posições de poder regional, apoiados pelos EUA, a fim de fortalecer sua influencia e oposição ao Talibã, entretanto, quando os mecanismos do Estado de Direito e a ordem geral retornaram ao campo afegão, o bacha bazi ascendeu como uma prática normalizada e estruturada em muitas áreas do país.

Considerando que o bacha bazi é hoje em grande parte consentido pelas famílias e amplamente praticado no país, sua evolução em uma prática institucionalizada dentro da sociedade rural pashtun e tadjique é profundamente perturbadora. Esta institucionalização, entretanto, só foi possível pelo status proporcionado pelo Estado americano, bem como seu descaso e acobertamento dessas ocorrências.

No início de 2018 um relatório publicado pelo SIGAR sobre a presença americana no Afeganistão revelou a cumplicidade de longo prazo do país na manutenção da violência sexual generalizada contra meninos afegãos, somente entre os anos de 2010 e 2016, foram registradas perto de 6.000 pedidos de verificação de denúncias de abusos sexuais infantis relatados por militares americanos, sem nenhuma resposta do governo responsável por “assegurar a proteção dos direitos humanos em todo mundo”, nesta abundância de denúncias, Até 12 de agosto de 2016, o Departamento de Defesa estava investigando 75 casos de graves violações de direitos humanos, sete envolvendo abuso sexual infantil, e segundo funcionários do Departamento de Defesa essa era uma pequena parcela do total, e das que foram efetivamente verificadas, poucas ou nenhuma recebeu devida punição.

Os militares americanos estão cientes dessas práticas abusivas há anos, mas têm trabalhado para escondê-las dos olhos do público, a fim de prosseguir com seu relacionamento cooperativo com a polícia e os militares afegãos, este relatório foi concluído em junho de 2017, e deveria permanecer restrito até 2042.

O relatório foi fortemente redigido, pelo menos nas partes públicas, e pouco fez para responder a perguntas sobre a prevalência do abuso sexual infantil nas forças armadas e policiais afegãs, e com qual frequência as forças armadas americanas acobertavam essa prática generalizada de bacha bazi, "O DoD e o Estado só começaram a envidar esforços para abordar essa questão depois que ela foi levantada pelo The New York Times", disse John F. Sopko, o inspetor geral.

The Special Inspector General for Afghan Reconstruction (SIGAR), responsável pelo relatório estava bem ciente de que estes incidentes violavam as leis de direitos humanos nacionais e internacionais, entretanto o Pentágono continuou a enviar bilhões de dólares para as suas operações através de uma

brecha chamada de “*notwithstanding clause*.” (cláusula não obstante), que permite a prevalência sobre a Leahy Law.

A Emenda Leahy, ou Lei Leahy, é uma área pouco conhecida da legislação americana, que proíbe a assistência dos EUA, quando são encontradas alegações contra um membro das forças de segurança que cometeu uma violação, não apenas esse indivíduo, mas toda a sua unidade está “corrompida” e não pode receber assistência dos fundos DoS ou DoD (Isso inclui treinamento, participação em conferências apoiadas com fundos dos EUA, fornecimento de suprimentos, participação em workshops ou reuniões ou outras atividades financiadas pelos EUA), abusos que são descritos extensivamente nos relatórios apresentados. Esta cláusula não obstante permite ao governo, tendo em mente à importância da assistência de segurança naquele momento, adotar medidas proativas.

No ano de 2014, o Congresso autorizou esta dispensa especial para o Fundo Afegão de Forças de Segurança conhecido como “cláusula não obstante”. A renúncia (citada da Lei de Apropriações do DoE 2014, H.R.2397 – *Department of Defence Appropriations Act, 2014, 30 July 2013, 113th Congress.*) diz:

Para o “Fundo de Segurança do Afeganistão... Que tais fundos estejam disponíveis para o Secretário de Defesa, não obstante qualquer outra provisão de lei, com a finalidade de permitir que o Comandante, o Comando de Transição de Segurança Combinada - Afeganistão, ou o representante do Secretário, forneça assistência, com a concordância do Secretário de Estado, às forças de segurança do Afeganistão, incluindo o fornecimento de equipamentos, suprimentos, serviços, treinamento, reparo de instalações e infraestrutura, renovação, construção e financiamento .

Esta cláusula foi desde então usada amplamente pelas administrações, consequentemente, a decisão do governo Obama de encomendar o relatório em 2015 só chegou depois de um artigo do New York Times relatar testemunhos de soldados e comandantes das forças armadas dos EUA, alguns dos quais haviam

sido demitidos por suas tentativas de intervir nos crimes. O capitão Dan Quinn foi um dos que deixou as Forças Especiais, dizendo aos entrevistadores: "Estávamos colocando pessoas no poder que fariam coisas piores do que o Talibã".

Apesar de inúmeros de relatos de militares sendo ordenados a ignorar os incidentes, por razões de privacidade ou diferenças culturais, o relatório do SIGAR ressalta, que eles não encontraram "evidências de que as forças dos EUA foram orientadas a ignorar abusos de direitos humanos", a falta de procedimentos distintos para denúncia estão claramente definidos pelos relatos de incidentes e a apatia do governo do Afeganistão.

Gul Agha Shirzai, um político proeminente do Afeganistão apoiado pelo governo americano está profundamente envolvido em encontros de bacha bazi, bem como trabalha como ministro de assuntos fronteiriços e tribais, em outro escândalo, descobriu-se que os empreiteiros que trabalhavam para a DynCorp (empresa de aviação, armas e forças policiais que conduz os seus negócios com o governo dos Estados Unidos) compraram drogas e "dançarinos" com seus policiais afegãos em 2010, e estas são apenas algumas das mais absurdas denúncias reportadas envolvendo Bacha Bazi e o governo/exército americano.

A potencia militar americana também tem sua própria história de violência sexual, contra suas próprias forças e civis, principalmente mulheres, homossexuais e outras minorias, o estupro é usado como um ato de guerra, e esta não é uma exceção para as intervenções estadunidenses no Oriente Médio.

Foi constatado, em um Relatório de Exame Preliminar de 2016, 82 detidos individuais da CIA que foram torturados, abusados ou estuprados no Afeganistão e outros "locais negros" da Polônia, Romênia e Lituânia, após uma breve pausa no início de 2016, o Pentágono intensificou as suas operações no Afeganistão, as baixas civis são maiores hoje do que em qualquer momento desde a primeira

invasão, causada por um aumento de 300% em ataques aéreos e barragens de artilharia, carro chefe da defesa americana.

O diretor-geral do Pentágono, Tenente-General Kenneth McKenzie, afirmou que uma análise abrangente da operação americana constatou que existem aproximadamente 11 mil militares dos EUA no Afeganistão, em comparação com os 8.400 em serviço desde o ano passado, a nova contagem, que inclui unidades temporárias e secretas e forças regulares, foi criada para estabelecer a base para um aumento de tropas (possivelmente em torno de 4.000) sob a estratégia revisada de Trump para melhor apoiar as tropas afegãs na luta contra o Talibã.

Inúmeras fotos, vídeos e histórias sobre o assassinato e o sofrimento de crianças e mulheres foram, e ainda são disseminados pela mídia para justificar as guerras no Oriente Médio, uma vez que elas se alinhavam com a política interna americana, em contrapartida, essas supostas violações de direitos humanos por parte dos militares norte-americanos são consideradas dano causal dessas guerras de agressão, este relatório do SIGAR demonstra de que as políticas de “direitos humanos” do governo norte-americano são baseadas em hipocrisia e interesse.

O *bacha bazi*, ao ter normalizado a sodomia e o abuso infantil na sociedade rural afegã, desenvolvida dentro de uma região islâmica profundamente fundamentalista do mundo, alcançou um feito particular e incomparável, e segundo um estudo da *Human Terrain Team* intitulado *Sexualidade Pashtun*, as normas sociais *pashtun* ditam que a prática do *bacha bazi* não é contra os costumes islâmicos ou homossexuais, se o homem não ama o garoto, o ato sexual não é repreensível, e também seria mais ético do que contaminar uma mulher, além de mais fácil, uma vez que as possibilidades de denúncias são menores.

Inseridos em um cenário pastoral, e incapazes de falar árabe (a língua de todos os textos islâmicos), muitos afegãos permitem que os costumes sociais superem os valores religiosos, incluindo os versos do Alcorão que desaprovam da homossexualidade e da promiscuidade, os senhores da guerra que exploraram o Islã por meio de ações políticas ou pessoais, também são coniventes e por muitas vezes participantes ativos de Bacha Bazi.

A pedofilia institucionalizada tem uma série de consequências prejudiciais de longo alcance sobre o desenvolvimento do Afeganistão em uma nação funcional, sendo a primeira, e mais óbvia consequência do bacha bazi, o abuso irreparável infligido a milhares de vítimas.

Muitos dos homens pashtuns proeminentes que atualmente se envolvem em bacha bazi provavelmente foram abusados quando crianças; por sua vez, muitas das vítimas adolescentes de hoje provavelmente se tornarão influentes senhores da guerra, ou líderes afiliados ao governo com seus próprios meninos, perpetuando este ciclo de abuso, o que também dificulta imensamente a identificação desses agressores, uma vez que muitos deles possuem laços profundos com o governo afegão, também possui um impacto negativo sobre os direitos das mulheres no Afeganistão, e veio a ser uma noção aceita entre a população masculina homossexual latente do Afeganistão, onde "as mulheres são para crianças e os meninos são para o prazer".

Apesar das melhorias no ambiente afegão, a contínua normalização do *bacha bazi* perpetua uma visão tradicional das mulheres como cidadãs de segunda classe, apenas utensílios domésticos destinados à criação dos filhos e trabalhos domésticos e indignas da atração masculina e sua afeição, como a pedofilia e a sodomia foram, e permanecem sendo, um ponto principal de discórdia entre o Talibã e os tradicionais senhores da guerra pashtun, a natureza

generalizada do bacha bazi continua a alimentar o desejo do grupo em reafirmar a lei da sharia.

Outro fator importante é o reconhecimento do governo afegão das práticas de bacha bazi, e o seu subsequente acesso às comunidades rurais pashtuns, onde a legitimidade do governo é frequentemente eclipsada pelo poder dos senhores da guerra e dos anciãos tribais, fazendo com que a capacidade e a disposição do governo de aplicar internamente leis que protejam essas crianças sejam inexistentes, essas dificuldades podem ser entendidas como convenientes para o governo americano, que continua a exercer sua influência sobre uma região devastada e violenta.

Apesar da natureza grotesca destes abusos, os desdobramentos dessa prática receberam ínfima atenção na mídia internacional, especialmente se comparados a exposição das violações de Direitos humanos cometidas por países desta área, anos de abuso com a assistência americana normalizaram essa prática no Afeganistão.

Considerações Finais

As dinâmicas do *bacha Bazi* no Afeganistão são um exemplo do pragmatismo dos países no cenário internacional, e que parecem não conhecer limites. Ao longo dos 17 anos de intervenção americana no país, essa prática ressurgiu e floresceu, deixando milhares de crianças inocentes vulneráveis aos mais diversos abusos de Direitos Humanos.

Os EUA são responsáveis pela manutenção e normalização do Bacha Bazi, essa responsabilidade pode ser reconhecida pelas denúncias e relatórios apresentados, bem como sua própria configuração interna, que expressamente proíbe qualquer tipo de auxílio a países onde são encontradas graves violações,

como as dessa prática. Ademais o país acoberta e financia aqueles diretamente envolvidos em seu funcionamento, a cruzada americana no Oriente Médio nunca deixa de lado seus objetivos, mesmo com inaceitáveis danos colaterais.

Durante esta análise estabelecemos a importância da região onde esta localizado o Afeganistão, bem como as contínuas intervenções dos Estados sobre o mesmo. Este jogo de poder inevitavelmente mudou a configuração de um país cheio de riquezas; deu poder a homens malignos e violentos e subjugou a população civil.

O costume do Bacha bazi deve ser considerado crime, uma vez que os jovens são sujeitos a assédio sexual e recebem um amplo e negativo reconhecimento entre o público, também os pactos internacionais dos quais o Afeganistão é um membro, uma constituição, um código penal e a lei sobre o combate ao rapto e tráfico de seres humanos, Bachabazi também é contrário ao espírito da lei do país.

A prática de Bachabazi viola o direito à dignidade humana, liberdade e segurança pessoal, direito à educação, direito à saúde e outros direitos das crianças, com base nas informações, análises e discussões anteriores, a prática de Bachabazi se espalhou em muitas regiões do país e vários fatores fornecem o terreno para sua propagação. Dentre os fatores e motivos que contribuem para a prevalência e disseminação do Bachabazi estão corrupção, fraqueza na governança e Estado de direito, ambiguidade e lacunas legais sobre a prática de Bachabazi, limitado acesso à justiça, a insegurança e a presença de grupos armados ilegais; pobreza econômica, incerteza, analfabetismo e violência doméstica.

Os órgãos do judiciário e de justiça não processam a maioria absoluta dos perpetradores e isso lhes dá coragem para continuar suas práticas sem medo, e assim encorajar muitos outros a se engajarem, a continuação e disseminação do

Bachabazi terá consequências negativas e efeitos sobre a mente e o caráter das crianças de 10 aos 18 anos de idade, crianças que são submetidas a graves danos psicológicos.

Tendo em mente que as crianças de hoje são a futura geração deste país, a falta de atenção à sua proteção ameaçaria seriamente o bem-estar de seu futuro, toda essa dinâmica só veio a ser possível através das políticas americanas implementadas no Afeganistão ao longo de décadas.

Por fim, espero que este texto ajude a atrair atenção para um tema pouco discutido na academia, a responsabilidade dos Estados, e como seus interesses moldam suas ações. A morte de milhares de crianças não deve ser ignorada, a produção de pesquisas sobre o *Bacha Bazi* deve ser incentivada, uma vez que poderia apresentar uma dimensão mais elaborada sobre a realidade da prática no país, bem como incentivar políticas que buscam reduzir e extinguir sua frequência.

Referências bibliográficas

FUNAG. (Rio de Janeiro). **Estados Unidos** : III Conferencia nacional de Política externa e Política Internacional. 1. ed. [S.l.]: Fundação Alexandre Gusmão, 2008. all p.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra** . 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. all p.«Western Powers and the Great Game». Center for Applied Linguistics. 30 de junho de 2002.

<https://www.ndtv.com/world-news/us-has-11-000-troops-in-afghanistan-more-than-previous-count-pentagon-1744205><acessoem26/10/2018>

<https://www.ndtv.com/world-news/us-has-11-000-troops-in-afghanistan-more-than-previous-count-pentagon-1744205><acessoem15/11/2018>

<https://www.nytimes.com/2018/01/23/world/asia/afghanistan-military-abuse.html><acessoem15/11/2018>

<https://www.wsws.org/en/articles/2018/01/29/afgh-j29.html><acessoem26/10/2018>

<https://www.dn.pt/mundo/interior/talibas-usam-jovens-escravos-sexuais-para-infiltrar-na-policia-afega-5231364.html><acessoem29/10/2018>

